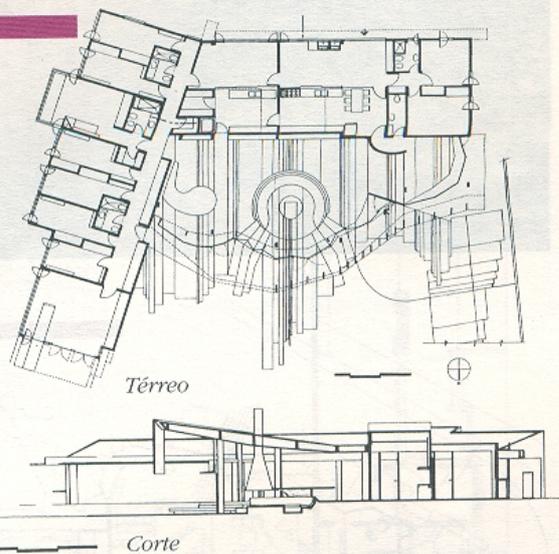


Residência M. e E. Suplicy • São Paulo, SP

1973

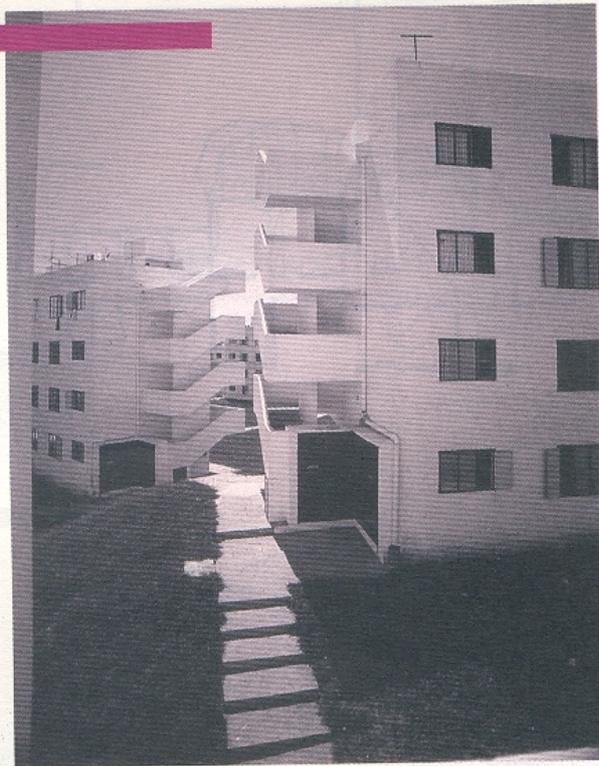
Nesta casa, o arquiteto retoma o desenho livre do grande plano de vidro que contém o espaço do estar, voltado para o poente, e por isso protegido por brises verticais de concreto, que resultou numa forma irregular de planta. "O recorte da laje, inclinada com profundidades diferentes, determina a curva não intencional, consequência rigorosa da geometria do projeto, que organiza espaços, e do sistema construtivo".



Conjunto habitacional/Cohab • Campinas, SP

1973

O máximo aproveitamento priorizou a área interna dos apartamentos, determinando a possibilidade de arranjos alternativos para quartos e sala, eliminou circulações internas, colocou a cozinha na entrada e a lavanderia na cobertura dos edifícios, com dimensões muito mais amplas para lavagem e secagem das roupas. O desenho dos caixilhos, dimensionado em função dos ambientes, separa a iluminação com vidros fixos da ventilação com venezianas de madeira e imprime movimento às fachadas. Outros elementos importantes das fachadas são as circulações verticais independentes e as horizontais como passarelas.



em 1969, "o mais notório representante dessa geração de arquitetos" por F. Bullrich, em "New Directions in Latin American Architecture", ed. George Braziller, N. York. No ano seguinte, a revista "The Japan Architecture" elegeu-o um dos três maiores arquitetos brasileiros da década.

Como urbanista, sua experiência tem origem na Sagma-Sociedade de Análise Gráficas e Mecanográficas Aplicadas aos Complexos Sociais, fundada pelo padre Lebrez, em São Paulo, que integra, desde o início, como sócio-fundador, participando de estudos sócio-econômicos e projetos urbano-regionais para a Bacia do Paraná Uruguai e para a cidade de Ourinhos.

DA CORAGEM PARA CORRER RISCOS

A obra de Joaquim Guedes apóia-se em conceitos racionais. Analisa os problemas exaustivamente e projeta a partir deles, não insere-se num universo muito mais criativo, expressando independência e sensibilidade. Não dispõe de soluções prontas nem de fórmulas aplicáveis. Cada situação é sempre uma nova situação, que exige pesquisa e aferição pelo projeto, encontrando as soluções, caso por caso: "Quando o projeto dirigi muitas coisas, mas não exatamente o projeto, que resulta como se escolhesse, seduzisse, ao longo de um processo".

Sua arquitetura, enquanto arte, valoriza o saber técnico-construtivo, porque harmoniza a solução pela motivação pessoal, que decorre de um processo de desenvolvimento responsável por correlações que estabelecem alternativas formais e, por isso, tão variada, tão rica com nenhuma concessão à mesmice. Essa forma resulta da contínua exploração de novas técnicas e de novas relações entre meios e fins."

Fazer uma obra coerente – uma decisão que o orientou já em seus primeiros projetos, como na casa de seu pai (1957) – contida, simples e racional, ligada ao cotidiano das pessoas, voltada para dentro dos limites do lote; econômica na justa medida das exigências projetuais, construtivas e programáticas³.

E com essa compreensão que se opõe ao formalismo e ao geometrismo de Wright e de Le Corbusier e opta pela simplicidade dos orgânicos escandinavos. Uma opção que não o impede de usar e explorar circunstancialmente outras linguagens e outros materiais. A cada momento a opção por uma linguagem não exclui o recurso a outra e não intenciona a identidade com a ideologia de uma estética dominante.

Quando define o uso do concreto com uma tipologia estrutural de suporte à concepção espacial, ou quando o adota em estruturas determinantes da forma na construção dos volumes, numa clara referência



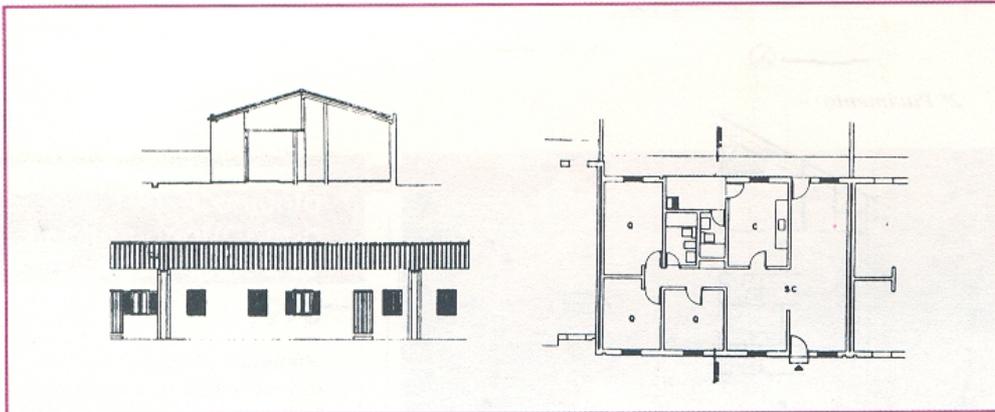
(1978) e, mais recentemente, na residência M. L. de Oliveira (1994).

Nesse processo, envolve-se na reavaliação permanente do próprio trabalho no resgate de experiências formais construtivas já vividas, do que decorre impulso para novas pesquisas e experiências, como nos projetos das residências Tuiuiú (1988), Angra dos Reis (1987) e Pavilhão de Madeira (1994), e que os detalhes construtivos cuidadosos se ajustam à construção intencionalmente despojada, simples e racional.

Esse corpo conceitual, sempre presente em todas as situações, além de representar possibilidades novas e criativas, significa um desafio fascinante para Joaquim Guedes.

Em 1973, projetou o Conjunto Padre Manoel da Nóbrega para a Cohab de Campinas. Poucos projetos impõem atuação do arquiteto tantas restrições: era um conjunto habitacional com recursos limitados, para população de baixa renda vinda de favela, em 42 edifícios, com 70 apartamentos e unidade habitacional de aproximadamente 40 m². Os edifícios, de quatro pavimentos e quatro apartamentos por andar, implantam-se na área disponível com a melhor orientação, evitando o paralelismo monótono das fachadas garantindo a privacidade visual das aberturas dos apartamentos. Essa acomodação, além de minimizar movimentos de terra, permitiu a união de alguns blocos numa única circulação vertical, enquanto a circulação horizontal de acesso aos apartamentos, em cada andar, se incorporou à fachada, como terraços, servindo de proteção contra o sol. As áreas externas, entre meio aos blocos, não se conformam com circulações lineares mas como espaços livres de lazer, com acessos às ruas periféricas ao conjunto, desenhados livremente pelos moradores.

Outro programa, também bastante complexo, porém com funções distintas (educacional, esportiva, recreativa, assistencial e de abastecimento), guardando uma outra relação de dimensão urbana, ocorre no conjunto projetado pelo Centro Educacional e Esportivo do Sesi em Mogi-Guaçu (1988). Foi necessário “desenvolver o conceito de arquitetura como sistemas de espaços para atividades múltiplas e diversificadas, dotadas de características próprias que não devem ser reduzidas, mas exploradas, explicitadas, compreendidas e libertadas como autonomia que se expressam e se integram. A unidade necessária à integração vem do acesso principal, que, como um convite, se conforma numa única grande praça interna, organizando as diversas funções independentemente abrigadas em cada edifício do conjunto. Além disso, a localização de cada bloco ao redor des-



Caraíba, Bahia, BA

1976

As casas têm pé-direito alto, janelas pequenas e sem proteção; os telhados não possuem beirais; pátios internos retêm o frio da noite.

As paredes, de tijolos prensados, especialmente projetados, são revestidas com argamassa e pintadas com cal. A cobertura de telha sobre laje cria massa eficiente contra o calor. O projeto não se compromete com cores, e por força de um importante traço regional, que diz respeito à pintura das casas e ao desenho das platibandas, delega essa preferência aos moradores, assim como o arranjo interno das casas.

